



ARTIGOS



Representações sociais e perfis de gênero nas nomeações de genitais no dicionário InFormal

Vitória Laís Santos Silva, *Universidade Federal de Sergipe (PPGPSI/UFS)*

Raquel Meister Ko Freitag, *Universidade Federal de Sergipe (UFS)*

Resumo. Sexo e sexualidade são socialmente organizados por representações sociais, sustentadas por linguagens que delimitam o que pode e deve ser expresso. As forças invisíveis do tabu moldam essa dinâmica, censurando a linguagem e incentivando a criação de novas denominações. Este estudo investigou como as pessoas categorizam gênero a partir das representações sociais associadas às categorias de masculino e feminino, focalizando as nomeações genitais. Com base na Teoria das Representações Sociais, foram analisados os sinônimos das lexias “pênis”, “vagina: e “vulva” presentes no Dicionário InFormal. Os resultados mostram que, embora as sinonímias de pênis e vagina/vulva apresentem uma valoração equilibrada no que diz respeito à polarização valorativa, a dicionarização evidencia um processo de subalternização. Observou-se que os diminutivos, frequentemente associados à genitália feminina, estão associados a algo amável ou de pouca importância, enquanto os sinônimos para órgão genital masculino apresentam maior frequência e representatividade nos registros dicionarizados, com menor uso de diminutivos, reforçando sua relevância na hierarquização. Esses resultados destacam a importância de repensar práticas linguísticas para promover maior equidade nas representações sociais de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Representações sociais. Gênero. Nomeações genitais.



Introdução

Representações sociais regem a relação dos indivíduos com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as interações sociais e funcionando como um sistema de interpretação do meio. Sexo e sexualidade são socialmente organizados por representações sociais, sustentadas por linguagens que delimitam o que pode e deve ser expresso. As forças invisíveis circundadas pelo tabu censuram a linguagem e motivam mudanças, seja para adequação às normas moralistas, seja para a sua transgressão, promovendo a criação e circulação de novas denominações. É o que acontece com “caralho”, “piroca”, “pau”, “giromba”, “pinto” e “jeba”, denominações populares referentes ao pênis e “buceta”, “xereca”, “xana”, “xoxota”, “ximbica”, “cona” e “perseguida”, referentes a vagina e vulva. O processo de nomeação das genitálias humanas cria e reproduz, mesmo que inconscientemente, uma série de outras classificações que inferem construções ou sentidos socialmente partilhados, pois toda a vida social é organizada por meio de representações que implicam categorias.

Tanto o sexo quanto a sexualidade são socialmente organizados por representações e se sustentam por uma variedade de recursos linguísticos para o que pode e o que deve ser expresso. É por meio da linguagem que expressamos tanto a sexualidade, quanto o sexo, as práticas, as atitudes, os valores e as concepções sexuais (Braga; Ribeiro, 2008, Orsi, 2013). Assim, o estudo dos nomes dados aos genitais ganha importância já que a língua, na qualidade de fenômeno social, reflete as representações firmadas no meio e, ao mesmo tempo, cria e perpetua novas representações. Para Moscovici (2015), o lugar do linguístico na análise das representações sociais não pode ser evitado.

Se os valores sexuais reproduzidos nas nomeações dos genitais nos ambientes familiar, escolar e religioso baseiam-se em estereótipos – associando o masculino à força, dominação, virilidade e sustento familiar, e o feminino à docilidade, submissão, vulnerabilidade e cuidados domésticos –, eles perpetuam não apenas diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas também distinções sociais. Essas distinções estabelecem hierarquias fundamentadas no falocentrismo – a concepção da superioridade masculina – e corroboram a naturalização de valores sexuais baseados na supremacia do homem. Tais representações influenciam na padronização de comportamentos



esperados para cada gênero, impondo modelos de conduta que são ora desejáveis e reforçados, ora proibidos e reprimidos.

A cultura ocidental judaico-cristã costuma restringir assuntos voltados à sexualidade e os considera como temas-tabu, julgando-os como impróprios em diversos contextos. O significado de tabu se divide em duas direções opostas, pois, por um lado, quer dizer “santo, consagrado” e, por outro, “inquietante, perigoso, proibido, impuro”. Assim, o tabu exprime-se em proibições e restrições, sendo ligado à ideia de algo reservado, que resulta em interdição (Freud, 1974). As forças invisíveis circundadas pelo tabu censuram os usos linguísticos e motivam a modificação da linguagem a depender do contexto, seja para adequação às normas moralistas, seja para a sua transgressão, o que promove a criação e circulação de novas denominações. O impedimento em falar certo nome estimula a criatividade das pessoas para usarem nomes metafóricos a essas partes consideradas pudendas que, por vezes, são inacessíveis ao entendimento de quem não compartilha as mesmas representações (Orsi, 2013). De acordo com Ullmann (1965), o sexo e certas partes e funções do corpo inferem tabu de decência e decoro, o que é responsável por grande parte dos usos eufemísticos ao longo da história. Tabus, encontrados em todos os níveis da civilização, deixaram marcas nos vocabulários mundiais e desempenharam um papel importante nas mudanças semânticas (Ullmann, 1965).

Nossa pesquisa parte da hipótese de que o vocabulário comumente usado para se referir às genitálias mascara um viés sexista: enquanto as mulheres são desvalorizadas e afastadas de temáticas sexuais, os homens são privilegiados e exaltados. Assim, investigamos como as pessoas categorizam gênero através das representações sociais de masculino e feminino presentes nas denominações dadas ao pênis e à vagina/vulva. Para isso, baseando-nos na Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1978), analisamos os sinônimos de “pênis”, “vagina” e “vulva” registrados no Dicionário InFormal.

Representações sociais e a dicionarização

Há em circulação na nossa sociedade um grande estoque de palavras que fazem referência a um objeto específico, e nós estamos sob uma pressão constante para designar sentidos concretos a esses itens lexicais, para encontrar equivalentes não verbais. Porém, nem todas as



palavras disponíveis podem ser ligadas a imagens, pois pode não haver imagens suficientes acessíveis ou as imagens que são lembradas são tidas como tabu. Allan e Burrigde (2006) definem tabu como uma proibição de comportamento que afeta a vida cotidiana. Tabus surgem nos casos em que os atos do indivíduo podem causar desconforto, dano ou lesão a si mesmo e a outras pessoas. Essa restrição sobre o comportamento é imposta por uma força, muitas vezes invisível, que exerce autoridade ou poder sobre o indivíduo: a lei, os deuses, a sociedade em que se vive, ou até mesmo suas próprias concepções. Porém, não existe um tabu absoluto que vale para todos os mundos, tempos e contextos. O que um grupo valoriza, outro pode desprezar. Ainda assim, “o fenômeno da interdição é universal e de todos os tempos” (Guérios, 1955, p. 10).

As palavras representadas são as já conhecidas e empregadas sem grandes desconfortos. O objeto de um tabu, no entanto, permanece abstrato: “Parece, então, que a sociedade faz uma seleção daqueles aos quais ela concede poderes figurativos, de acordo com suas crenças e com o estoque preexistente de imagens” (Moscovici, 2015, p. 72). As imagens que conseguem ser representadas e são selecionadas para representação compõem o que Moscovici denomina núcleo figurativo, um complexo de imagens que reproduzem visivelmente um complexo de ideias. À medida que a sociedade aceita um núcleo figurativo, passa a ser fácil falar sobre tudo o que se relaciona com esse núcleo. Essa facilidade aumenta o uso de palavras e expressões ligadas a esse núcleo, gerando clichês e fórmulas que o representam. Como resultado, diferentes imagens e significados acabam se agrupando em torno desse núcleo figurativo central.

Moscovici (2015) demonstrou que, no âmbito da comunicação, especialmente na propaganda, determinadas escolhas lexicais e associações entre palavras são capazes de gerar novas representações sociais, contribuindo para a formação de um novo conhecimento compartilhado. Esse processo também pode ser observado em plataformas contemporâneas como o Dicionário InFormal, um dicionário virtual colaborativo onde os usuários constroem coletivamente significados, inclusive para termos relacionados aos órgãos genitais. Na sociedade, circulam diversas representações sobre temáticas sexuais, tanto no campo científico quanto no senso comum. A Teoria das Representações Sociais permite compreender como esses significados são construídos socialmente e internalizados pelos



indivíduos no universo consensual, como exemplificado nas definições propostas no Dicionário InFormal.

O dicionário, sendo um produto cultural destinado ao grande público, configura-se também como um produto comercial. Segundo Biderman (2001), ele deve registrar a norma linguística e lexical vigente na sociedade para a qual é elaborado, documentando sua práxis linguística. O Dicionário InFormal, embora não se atenha necessariamente à norma padrão do português brasileiro, registra um léxico que, mesmo considerado vulgar ou de menor prestígio em alguns contextos, representa uma parte significativa da realidade linguística dos falantes e merece documentação e análise. Nesse contexto, as nomeações dos órgãos genitais constituem um léxico amplamente conhecido e utilizado no cotidiano dos usuários da língua.

Em razão da popularidade do léxico relacionado aos órgãos genitais, escolhemos como fonte de pesquisa o Dicionário InFormal, uma plataforma digital que oferece uma amostra ampla e diversificada dos usos linguísticos circulantes nas redes. A internet tem proporcionado crescente disseminação e criação de novas linguagens e formas de interação, dinamizando o surgimento e compartilhamento de informações. As novas tecnologias disponibilizam bases de dados cada vez mais abrangentes, atendendo a diferentes necessidades sociais em diversas áreas.

Temas sexualmente sensíveis geram significativa interação no ambiente virtual, resultando em vasta quantidade de material que aborda essas questões sob diferentes perspectivas. Como os domínios virtuais frequentemente se caracterizam por maior informalidade, os usuários sentem-se mais à vontade para interagir e utilizar termos referentes às genitálias sem receio de interdições. Assim como nos ambientes presenciais, os contextos virtuais também demandam adaptações linguísticas, levando os usuários a modificarem sua linguagem para garantir uma interação efetiva.

Para acompanhar as mudanças sociais e a multiplicidade de experiências e estilos de vida, que desafiam as pesquisas com novos contextos e perspectivas de análise dos fenômenos sociais, é necessário ampliar e diversificar as abordagens metodológicas. No campo das representações sociais, as entrevistas semiestruturadas e pesquisas de opinião são métodos tradicionalmente utilizados para constituição de amostras, buscando captar as representações dos participantes.



Contudo, para o presente estudo, esses recursos metodológicos se mostrariam limitados, pois, ao abordar temáticas sexuais, o constrangimento e o rigor moral poderiam induzir respostas menos sinceras, comprometendo a observação do fenômeno.

A opção por conteúdos virtuais, especificamente um dicionário colaborativo online onde os usuários definem e exemplificam suas próprias expressões, permite superar essas limitações. O anonimato, o amplo alcance e a liberdade de escrita favorecem definições que refletem representações sociais que, embora partam do individual, são construídas coletivamente e ecoam significações sociais mais amplas. Assim, o Dicionário InFormal atua não apenas como fonte de pesquisa lexical do português brasileiro, mas também como repositório de representações sociais dos falantes.

O Dicionário InFormal surgiu para atender à demanda por um registro lexical que contemplasse definições tradicionalmente não aceitas pelos dicionários convencionais, os quais, explícita ou implicitamente, propõem uma normatividade linguística baseada na valoração subjetiva do que é certo ou errado: “o dicionário de português gratuito para internet, onde as palavras são definidas pelos usuários. Uma iniciativa de documentar on-line a evolução do português. Não deixe as palavras passarem em branco, participe definindo o seu português!” <<https://www.dicionarioinformal.com.br/>>.

Assim, a grande diferença do Dicionário InFormal para outros dicionários é seu caráter colaborativo e o protagonismo do usuário a ponto de permitir que ele mesmo registre e conceitue seus usos linguísticos (Figura 1).



1. Rola

Enviado por [antonio \(GO\)](#) em 27-06-2007

Significado de **Rola**

Pênis.

*A mulher gritou quando o homem meteu a **rola**.*

1. Buceta

Enviado por [Marcelo \(SP\)](#) em 28-02-2007

Significado de **Buceta**

Uma das inúmeras gírias utilizadas para definir o órgão sexual feminino, provavelmente a mais popular.

- Meu sonho é vê-la pelada, com a **buceta** raspadinha.
- Ele tirou uma foto com a câmera digital da **buceta** dela.
- Mas que bela Mulher!!! Deve ter uma **buceta** maravilhoso!
- Adoro **buceta**!! Sou loco por **buceta**!! Quero **buceta** e mais **buceta**!!
- Será que aquela mulher ruiva tem a **buceta** ruiva também?
- vivo em função de **bucetas**

Figura 1 – Exemplos de definições registradas por usuários no Dicionário InFormal.

Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/rola/>
<https://www.dicionarioinformal.com.br/buceta/>

Os dicionários tradicionais muitas vezes não registram os variados sentidos que circulam em sociedade e não incluem determinados lexemas, pois se pautam em uma normatividade da língua baseada no julgamento do certo ou errado. À medida que surge um dicionário que dá liberdade ao usuário da língua, que é quem a mantém e a transforma, ele acaba servindo não só como local de pesquisa e registro de palavras, mas também como ferramenta importante para observação, documentação e análise da língua viva e não-normatizada. Daí justificativa para escolhermos este dicionário para extração da amostra de pesquisa, já que ao definir e exemplificar os itens lexicais que utilizam, os usuários estão representando o seu mundo através da linguagem. Vale destacar que outros estudos também utilizam o Dicionário InFormal como corpus de análise (Oliveira, 2014, Contiero, 2015, Curti-Contessoto; Galli, 2018, Araújo; Lima, 2023).

A liberdade oferecida pelo Dicionário InFormal permite que os usuários representem a sua língua, registrem suas visões e impressões e atuem como construtores do conhecimento, tanto quanto lexicógrafos ou cientistas, com a ressalva de que pode haver registros errôneos, de uso restrito ao contexto sociolinguístico do colaborador e de baixa frequência nacionalmente. Trata-se de uma fonte privilegiada para a linguística



popular, especialmente no contexto dos tabus (Menezes, 2023). Enquanto os dicionários gerais da língua, inseridos no universo reificado e ligados ao conhecimento científico, podem limitar a produção de sentido em sociedade ao ditarem regras, especialmente em sua função normativa, o Dicionário InFormal valoriza o conhecimento popular. Inserido no universo consensual, ele reconhece e legitima os diversos saberes do senso comum, que desempenham um papel igualmente importante na construção das representações sociais.

Apesar de se opor às limitações dos dicionários tradicionais, o Dicionário InFormal registra e aceita a inclusão de palavras já presentes nesses dicionários, normalmente inseridas por lexicógrafos. No entanto, ele se diferencia ao permitir que as definições sejam cumulativas, ou seja, diversas acepções podem ser adicionadas aos verbetes já registrados, mesmo que se assemelhem às existentes. Além disso, nenhuma palavra ou definição é excluída, evidenciando a diversidade e o caráter evolutivo das representações.

Embora ofereça opções para identificar palavras-tabus e gírias, o Dicionário InFormal não impõe restrições ao envio desses itens. Nesse contexto, o universo reificado, ligado ao conhecimento científico, perde relevância, enquanto o universo consensual ganha destaque, uma vez que as definições derivam majoritariamente do senso comum. Isso ocorre porque o universo reificado busca explicações do mundo que sejam estáveis e imparciais, enquanto o consensual valoriza a liberdade e a expressão individual nos grupos sociais (Moscovici, 2015).

Ao estudar o senso comum, ou conhecimento popular, analisa-se algo que conecta a sociedade, seus indivíduos, e sua cultura, linguagem e universo cotidiano. No campo sexual, as representações não se limitam a fatores biológicos, mas também se fundamentam em aspectos valorativos e morais da coletividade. As questões de gênero, construídas socialmente, encontram reflexo no Dicionário InFormal, influenciando tanto a criação lexical quanto a atribuição de sentidos relacionados às sinonímias genitais. A nomeação das genitálias humanas cria e reproduz categorias que refletem representações socialmente partilhadas. As categorias anatômicas “pênis” e “vagina”/”vulva” são associadas a expectativas expectativas sociais referentes aos papéis de gênero determinados para homens e mulheres, tendo em vista que é a partir das características anatômicas que tais gêneros são inicialmente definidos.



Procedimentos metodológicos

A partir da ferramenta de pesquisa disponível na plataforma do Dicionário InFormal, realizamos uma busca dos sinônimos para as entradas “pênis”, “vagina” e “vulva”. Esses itens lexicais estão presentes nos diversos dicionários gerais da língua e manuais de anatomia e fisiologia humana, sendo conceituados de forma geral como “órgão sexual masculino”, “órgão sexual feminino” e “genitália externa feminina”, respectivamente. A genitália feminina também é conhecida anatomicamente como vulva, por isso foi incluída a busca para essa nomeação.

A busca realizada em 26 de outubro de 2021 apresentou 352 resultados para as sinonímias referentes a “pênis”, 356 resultados para “vagina” e 69 resultados para “vulva”, totalizando 777 lexias sinônimas para os genitais. Para cada sinonímia encontrada, há um conjunto de acepções (definições enviadas pelos usuários). Foram filtradas as acepções cadastradas em cada lexia, bem como seu exemplo de uso, considerando apenas os que se referiam às genitálias, resultando em 1648 acepções, sendo 647 referentes às 352 sinonímias encontradas para a palavra-entrada “pênis” e 1001 referentes às 356 e 69 sinonímias encontradas para as palavras-entradas “vagina” e “vulva”, respectivamente.

Os resultados da busca foram salvos em um arquivo com formato *.csv e categorizados quanto à polarização valorativa, forma de apresentação e presença em dicionário convencional. A partir das definições e dos exemplos de uso, julgamos se os termos enviados pelos usuários abarcam sentidos apreciativos ou depreciativos. Para essa avaliação, adotamos o método de análise de sentimento (Liu, 2012). A análise de sentimento é o campo de estudo que analisa as opiniões das pessoas, sentimentos, avaliações, atitudes, e emoções em relação a entidades, como produtos, serviços, organizações, indivíduos, questões, eventos, tópicos e seus atributos. Esse tipo de análise lida com a subjetividade, e um dos indicadores mais importantes de sentimentos e subjetividades são as palavras. A classificação dos sentimentos se dá em nível de frase, que pode ser realizada a partir de duas etapas.

Na primeira etapa, classifica-se se uma frase expressa uma opinião ou não. A primeira etapa determina se uma frase expressa um pedaço de informação subjetiva ou objetiva. Se uma frase é classificada como



subjetiva, ela expressa sentimentos, opiniões ou crenças pessoais. Se objetiva, apresenta informações factuais sobre o mundo e é considerada neutra.

A segunda etapa consiste na classificação das sentenças de opinião em juízo de valor, sendo atribuída a cada uma das acepções o rótulo de positiva ou negativa a partir das significações imbricadas nas definições e nos exemplos de uso cadastrados no Dicionário InFormal, tomando como base as representações amplamente difundidas em sociedade quanto a valores morais e também pistas linguísticas, como adjetivos, pontuações (exclamações, reticências), advérbios, substantivos e verbos. Se positivo, o sentido é valorativo; se negativo, depreciativo.

A categorização quanto à dicionarização considerou a verificação se a lexia ocorria em um dicionário convencional. Como parâmetro, adotamos o Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, com aproximadamente 167 mil verbetes, 350 mil acepções, 27 mil expressões e 47 mil exemplos e abonações. Por fim, os itens foram categorizados quanto à presença ou ausência de sufixo de grau, sendo controlado o grau diminutivo e o grau aumentativo, que são associados não só a tamanho, mas também à expressão de julgamento de valor e emoções (Pinheiro, 2021).

Após a categorização dos dados, calculamos as frequências, tomando por referência o valor *tf-idf* (*term frequency – inverse document frequency*), uma medida estatística que tem o intuito de indicar a importância de uma palavra de um documento em relação a uma coleção de documentos (ou, no caso de acepções), frequentemente utilizada como fator de ponderação na recuperação de informações e na mineração de dados. A análise foi realizada na plataforma R, com o pacote `tidytext` (Silge; Robinson, 2016). A planilha dos dados e o script de análise estão disponíveis em: <https://osf.io/vrqt5/>.

Resultados e discussão

As lexias mais frequentes na amostra são aqueles que contêm mais acepções cadastradas no Dicionário InFormal. Entre as nomeações encontradas como sinônimos de “pênis”, o lexema “rola” é o que apresenta mais acepções, com um total de 30, seguido pelas lexias “pênis” e “caralho”, ambas com 28 acepções. As lexias “piroca”, “pau”,



“giromba”, “pinto” e “jeba” as sucedem, com 24, 17, 16, 13 e 10 acepções, respectivamente. Já entre as sinonímias de “vagina”/“vulva”, a lexia “buceta” apresenta 124 acepções, seguido por “xereca”, “xana”, “xoxota”, “boceta”, “ximbica”, “cona” e “perseguida”, com 46, 44, 34, 28, 20, 20 e 18 acepções, nesta ordem (Figura 2). A comparação entre a quantidade de acepções das nomeações referentes ao genital masculino e ao genital feminino aponta que as sinonímias de “vagina”/“vulva” são as mais definidas pelos usuários do InFormal, apresentando o maior número de acepções em cada lexia. A lexia “buceta” aparece com um número quatro vezes maior de acepções em comparação à lexia “rola”, a mais frequente entre as sinonímias de “pênis”.

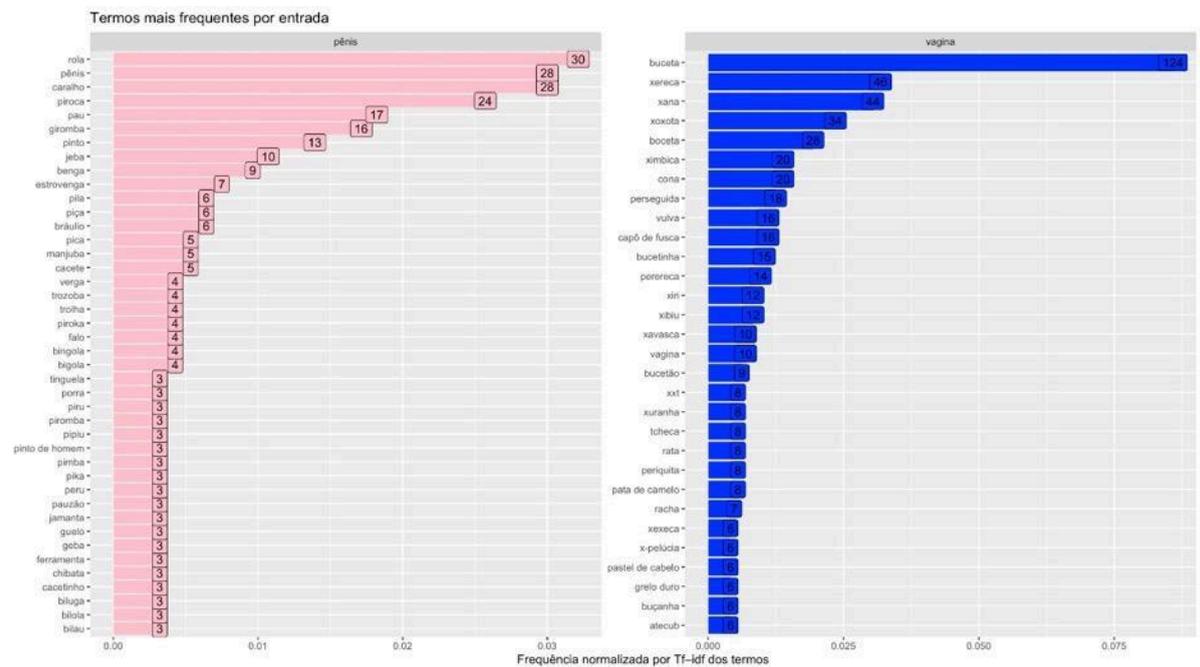


Figura 2 – Lexias mais recorrentes para vagina/vulva e pênis.

Apesar de “pênis”, nome científico dado ao genital masculino, aparecer como a segunda lexia com mais acepções (28), “vulva” e “vagina” aparecem em nona e décima sexta posição entre as lexias mais frequentes (com 16 e 10 acepções, respectivamente). Assumindo que as lexias mais definidas são aqueles de maior interesse entre os usuários do Dicionário Informal, para sinonímias de “vagina”/“vulva”, nomes científicos são menos visados.

Para observar efeitos das representações sociais do masculino e feminino imbricadas nas nomeações genitais, observamos a polarização valorativa, a dicionarização e o grau das lexias.



genital feminino”), são exemplificadas com usos pejorativos, ou seja, depreciativos e desagradáveis. Por isso, acepções e exemplos de uso foram analisados paralelamente.

Entre as sinonímias de “pênis”, a lexia “piroca” é a que apresenta mais ocorrências de sentimento negativo, com um total de 15, seguida da lexia “pau”, com 12 e “jeba”, com nove. “Piroca” também aparece como a lexia com mais ocorrências de sentimento neutro, juntamente com “giromba”, com total de nove, seguida de “pinto”, com sete ocorrências (Figura 3a). “Torozoba”, “rolona”, “black and decker”, “jureba”, “jubilau”, “rola”, “pênis”, “caralho” e “bingola” são algumas das lexias que inferem valoração, todas com apenas uma ocorrência de sentimento positivo.

Já entre as sinonímias de “vagina”/“vulva”, a lexia “xereca” abarca 24 usos de sentimento negativo, seguida por “boceta” e “cona”¹ com 16 e 14, respectivamente. “Xereca” aparece também 22 ocorrências de sentimento neutro, ao lado de “boceta” e “ximbica”, ambas com 12 ocorrências (Figura 3b). “Xampa”, “tatarubá”, “sorriso vertical”, “periquitinha”, “panocha”, “grenha”, “cunt”, “borbofólin” apresentam apenas uma ocorrência cada uma de sentimento positivo.

A primazia de sentimentos negativos em às lexias que nomeiam ambos os genitais (e, portanto, em relação ao masculino e feminino, tendo em vista que partimos de uma perspectiva binária de gênero, definida pelas genitálias) dá pistas das representações sociais construídas e perpetuadas pelos usuários do Dicionário InFormal, que vão ao encontro dos arranjos sociais comumente firmados na sociedade ocidental judaico-cristã, em que temáticas sexuais são consideradas sujas e obscenas em inúmeros contextos devido à imposição de valores conservadores e moralistas.

Apesar de o Dicionário InFormal se configurar como um espaço de liberdade e informalidade que permite o uso das sinonímias genitais sem interdições, os resultados mostram que os sentimentos negativos se fazem presentes de forma acentuada, e revelam efeitos das forças sociais que operam nas categorizações, mesmo inconscientemente. A alta frequência de polarização negativa e neutralidade sugere que, por um lado, as representações são focadas em características meramente biológicas e, por outro, as representações resultam e reforçam os valores sociais pautados em imoralidade e indecência.

Dicionários exercem funções normativas e informativas na sociedade, pois fazem uma descrição do vocabulário de uma língua,



registrando e definindo as lexias que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura (Biderman, 2001). Podemos dizer que o dicionário sumariza uma série de representações sociais firmadas no meio, pois “o conjunto dos usos sociais da língua é refletido pelo dicionário” (Biderman, 2003, p. 86).

A presença de determinadas lexias em dicionários considerados mais formais (dicionários gerais de língua portuguesa) também oferece pistas sobre a valoração e aceitação de determinadas representações, tendo em vista que

O dicionário descreve o léxico em função de um modelo ideal de língua – a língua culta e escrita. Só circunstancialmente registra os padrões subcultos, ou desviantes da norma padrão, tais como os usos dialetais, populares, gíriáticos. Dessa forma, o dicionário convalida e promove a linguagem aceita e valorizada em sua sociedade (Biderman, 2003, p. 86)

Consideramos dicionarizadas as lexias registradas no Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, e não-dicionarizadas as lexias apenas registradas no Dicionário InFormal. As lexias dicionarizadas somam 755 ocorrências, 46% do total. Dentre as lexias dicionarizadas, as referentes à “vagina”/“vulva” são menos recorrentes, embora sejam as de maior frequência no Dicionário Informal.

De modo geral, o léxico que nomeia os genitais é marginalizado e desprestigiado, embora muitas lexias já estejam registradas em obras contemporâneas. Essa diferença na dicionarização das sinonímias referentes à “vagina”/“vulva: fornece pistas sobre representações sociais, pois mesmo sendo grande no conjunto de lexias disponível e utilizado frequentemente na sociedade (registrado no Dicionário InFormal), as lexias que se referem à genitália feminina são descartadas das obras lexicográficas mais formais, que propõem uma normatividade sobre a língua, alicerçadas na valoração subjetiva de certo e errado, bom e ruim, prestigiado e desprestigiado.



Entre as sinonímias da “vagina”/“vulva”, as lexias “xereca” (46), “xana” (44), “xoxota” (34) e “boceta” (28) são as mais dicionarizadas (Figura 4b).

“Rola” e “pau” são lexias incorporadas às nomeações genitais por neologismo semântico, pois também contêm outros significados e se referem a outros elementos, como animal e madeira, podendo, a depender do contexto, não inferir imoralidade ou vulgaridade socialmente associada à genitália masculina (Figura 5). O mesmo acontece com “boceta”, “perseguida” e “perereca”, lexias que podem se referir, em outros contextos, a uma pequena bolsa, ao alvo de perseguição e ao anfíbio, e não à genitália feminina (Figura 6). Apesar de nossas análises focarem no cálculo das frequências em cada categorização, elas não dão conta da multiplicidade de sentidos, usos e negociações possíveis dos termos, como observamos nas Figuras 5 e 6. Esse é um limite reconhecido na nossa pesquisa.

23. Pau

Enviado por [Dicionário inFormal \(SP\)](#) em 09-04-2016

Significado de **Pau**

O mesmo que madeira.

*Vou cortar um pedaço de **pau** dessa árvore.*

3. Rola

Enviado por [Dicionário inFormal \(SP\)](#) em 21-08-2018

Significado de **Rola**

Rola é um animal que é parente da pomba.

***rolas** são animais que voam.*

Figura 5 – Neologismos semânticos para “pau” e “rola” no Dicionário InFormal.

Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/pau/>

<https://www.dicionarioinformal.com.br/rola/>



8. Boceta

Enviado por AMAFI GONZAGA DA SILVA COSTA (PR) em 22-08-2017
Significado de **Boceta**

Bolsa pequena.

*"Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a **boceta** de rapê e o lenço vermelho"*
Machado de Assis, *Contos de Escola*.

7. Perseguida

Enviado por Dicionário InFormal (SP) em 02-08-2007
Significado de **Perseguida**

Aquela que foge de alguém.

*Maricotinha era a menininha mais gostosa e safadinha da cidade. Era **perseguida** por todos os meninos de lá.*

2. Perereca

Enviado por guti (SP) em 09-06-2012
Significado de **Perereca**

Sf.

1. Bras. Zool. nome de vários animais, ger. anuros e arborícolas.
2. Bras. Zool. nome de várias fêmeas dos sapos.

*Falando de **pererecas**, podem ser sapos, rãs, ou, animais arborícolas.*

Figura 6 – Neologismos semânticos para “boceta”, “perseguida” e “perereca” no Dicionário InFormal.

Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/boceta/>
<https://www.dicionarioinformal.com.br/perseguida/>
<https://www.dicionarioinformal.com.br/perereca/>

Os resultados evidenciam a estigmatização associada às genitálias, com características ou propriedades desagradáveis e não aceitas socialmente e, por isso, submetidas à sanção negativa. A dicionarização agrega valor às lexias pelo reconhecimento formal do uso. Se a maioria das sinonímias genitais não é dicionarizada e essa maioria é composta por outra maioria (lexias que se referem à “vagina”/“vulva”), significa que há uma subalternização dentro de uma categoria que já implica menosprezo.

As nomeações genitais, assim como outros itens léxicos, também resultam do processo de derivação, que compreende a formação de palavras pré-existentes por meio de afixos, divididos em prefixos, se eles vierem antes do radical (elemento que constitui o significado básico das palavras), ou sufixos, se vierem depois. Existem sufixos que se tornam mais produtivos e outros que vão acrescentando, com o correr dos tempos, ideias pejorativas, valorativas, relativas a tamanho, quantidade ou qualidade (Carvalho, 2019). Destacamos os sufixos que representam o aumentativo e diminutivo, pois estes também expressam sentimentos. Além da noção de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas de lexias podem traduzir desprezo, crítica, pouco interesse em certos



objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por contextos comunicativos (Bechara, 2009).

A maioria das lexias para nomeações genitais cadastradas no Dicionário InFormal, não apresenta sufixos de aumentativo ou diminutivo: houve 32 ocorrências de aumentativo, sendo 19 relacionadas às lexias da “vagina”/“vulva” e 13 às lexias de “pênis”; e 57 ocorrências de diminutivo, sendo 35 relativas às sinonímias do genital feminino e 22 do genital masculino. Embora pouco frequente, a associação entre tamanho e gênero se verifica, com “vulva”/“vagina” associada a lexias no diminutivo. No aumentativo, não há diferença entre os gêneros.

Na amostra é possível encontrar lexias e acepções referentes à “vagina”/“vulva” como “bucetão”, definida como “bucetão = buceta grande (vagina grande)”. Genital da mulher com tamanho maior” e “bucetinha”, definida como “órgão genital tratado de maneira carinhosa”, e lexias e acepções referentes a “pênis” como “cassetão”, definido como “pênis descomunal” e “cacetinho”, definido como “pênis pequeno”.

O diminutivo é ligado à ideia de redução, diminuição e inferioridade, mas a forma diminutiva também é carregada de atenuação ou valorização afetiva. Ao estudar a relação dos diminutivos com as emoções, Pinheiro (2021) observou que os falantes tendem a não expressar neutralidade no momento da produção de um segmento em que ocorre o diminutivo, ou seja, na produção de um diminutivo há realização de algum tipo de expressão facial, mostrando que esse processo gramatical está intimamente ligado à valoração. Já o aumentativo é relacionado a expansão, grandeza e superioridade, inferindo também exagero ou descontrole.

Silva (2010) destaca que os sentidos apreciativos e depreciativos do diminutivo e do aumentativo envolvem dois pares de conceitos metafóricos: i) pequeno é positivo (amável, agradável); pequeno é negativo (sem importância, desagradável) e ii) grande é positivo (importante, majestoso) e grande é negativo (perigoso, desagradável). Essas metáforas também constituem representações sociais, pois se consolidam na cultura e operam como modelos cognitivos de orientação e interpretação, estando intimamente conectadas à nossa experiência de interação com as coisas pequenas e grandes (Silva, 2010).

Assim, considerando expectativas e valores previstos para o masculino e o feminino, constatamos que as sinonímias de



“vagina”/“vulva” são menos dicionarizadas e com mais diminutivo; e para “pênis” são mais dicionarizados e apresentam menos diminutivos, evidenciando que as representações sociais da linguagem sobre as genitálias refletem e perpetuam assimetrias de gênero.

Considerações finais

Embora não haja uma hierarquia explícita de superioridade ou inferioridade entre os gêneros nas avaliações, os padrões de dicionarização e uso de diminutivos revelam um viés cultural que reforça a valorização do masculino em detrimento do feminino. Os resultados mostraram que a quantidade de lexias referentes ao genital feminino é superior as do genital masculino e elas também possuem o maior número de aceções cadastradas pelos usuários do Dicionário InFormal. Apesar da diferença na frequência dos lexemas, no que tange a análise de sentimento vimos que as sinonímias de pênis e vagina/vulva são avaliadas e definidas com valoração equilibrada, sem demonstrar uma superioridade e inferioridade bem marcada entre os gêneros.

Essa pesquisa recortou um objeto incomum e, muitas vezes, polêmico, mas que se mostra fértil para invenção, construção de sentido, reflexo e perpetuação das representações sociais que orientam e transformam o mundo. Este estudo se alinha a outros trabalhos que evidenciam que a desigualdade de gênero é marcada linguisticamente por meio das representações, como no caso das tomadas de turno na interação entre universitários (Santana, 2018; Freitag; Santana, 2019), o comportamento na leitura de textos considerados tabu (Pinheiro; Menezes; Freitag, 2020), na estereotipia de gênero das profissões (Pinheiro; Freitag, 2019), ou mesmo na forma de noticiar crimes de violência contra a mulher (Cardoso, 2020; Cardoso; Freitag, 2023). Esta linha de trabalho relaciona psicologia social e cognitiva e linguagem a fim de constituir um aparato metodológico mais amplo e contribuir com as discussões voltadas ao estudo das representações sociais e do gênero.

Os resultados apontam para a necessidade de repensar as práticas linguísticas e os significados atribuídos às categorias de gênero, com vistas a promover maior equidade nas representações sociais. As limitações impostas às pessoas em relação aos gêneros e sexualidades derivam de normas históricas e sociais que definem padrões rígidos de



comportamento. Esses padrões, frequentemente baseados em valores e atitudes normativos, promovem discriminações contra aqueles que não se enquadram no modelo tradicional de gênero e sexualidade. Desde cedo, as crianças são educadas e cuidadas para corresponderem a comportamentos socialmente esperados – meninas são incentivadas a adotar posturas associadas à docilidade, beleza e cuidado, enquanto meninos são estimulados a desenvolver força, competitividade e liderança (Sarat; Campos, 2014; Garbarino, 2021). Essas concepções de gênero permeiam tanto as relações interpessoais quanto os espaços privados e públicos, influenciando como indivíduos se comportam, interagem e são avaliados socialmente. Nosso estudo sobre as nomeações de genitais soma-se a um corpo de evidências de outros estudos que apontam nas representações sociais se manifestam por meio da linguagem, em escolhas ainda que inconscientes, mas sistematicamente reproduzidas e compartilhadas, afinal, não existe linguagem neutra (Freitag, 2024). Até mesmo no relato da violência contra as mulheres também estão profundamente enraizadas em estratégias linguísticas que reforçam desigualdades de gênero: as notícias sobre violência contra mulheres no Brasil revela o uso de recursos gramaticais para inclusão ou exclusão de atores sociais e o uso de estratégias como a voz passiva e a atribuição de agentividade deslocam o foco do agressor, contribuem para naturalizar e perpetuar representações sociais de violência (Cardoso, Freitag, 2023). Essa prática não só invisibiliza os autores dos crimes, dificultando a responsabilização e o combate à violência de gênero, como reforça a hierarquização dos gêneros pela linguagem.

As condições de produção desses preconceitos sexistas estão profundamente ligadas às estruturas sociais que perpetuam desigualdades. Instituições como a família, a escola, os meios de comunicação não apenas refletem, mas também reproduzem valores que consolidam papéis de gênero fixos e marginalizam aqueles que não se enquadram nessas normas. Enfrentar essas discriminações e desigualdades exige questionar essas estruturas, repensar as normas de gênero e sexualidade e promover práticas que valorizem a diversidade e combatam todas as formas de violência e exclusão nos diferentes espaços sociais.

Referências:



- ALLAN, K.; BURRIDGE, K. *Forbidden words: taboo and the censoring of language*. New York: Cambridge University Press, 2006.
- ARAÚJO, L. M. B. M.; LIMA, C. M. O dicionário informal: uma questão para a linguística popular. *Revista da ABRALIN*, v. 22, n. 2, p. 140–157, 2023. DOI: 10.25189/rabralin.v22i2.2068.A
- BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BIDERMAN, M. T. C. Análise de dois dicionários gerais do Português Brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 5, n. 1, p. 85-116, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i5p85-116>. Acesso em: 12.jul.2023
- BIDERMAN, M. T. C. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001.
- BRAGA, E. R. M.; RIBEIRO, P. R. M. “Palavras, ‘palavrões’: um estudo sobre a repressão sexual a partir da linguagem empregada para designar a genitália e práticas sexuais, na cultura brasileira”. In: *Anais da 31ª Reunião Anual da ANPED*. Caxambu, MG: ANPED, 2008. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/palavras-palavroes-um-estudo-sobre-repressao-sexual-partir-da-linguagem-empregada>. Acesso em: 12.jul.2023
- CARDOSO, P. R. S. Violência contra mulher: por que ainda lutamos? *Revista Coisas do Gênero*, v. 6, n. 2, p. 50-66, 2020. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/4193>. Acesso em: 12.jul.2023
- CARDOSO, P. R. S.; FREITAG, R. M. K. A ordem importa: escolhas linguísticas na representação da violência contra mulheres no Brasil. *Domínios de Linguagem*, v. 17, p. e1741, 2023. DOI: 10.14393/DLv17a2023-41.
- CARVALHO, N. M. A criação neológica. *Revista Trama*, v. 2, n. 4, p. 191-203, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.48075/rt.v2i4.681>. Acesso em: 12.jul.2023
- CONTIERO, E. Uma análise enunciativa da palavra “povo” e de seus associados morfológicos e sintáticos no dicionário informal. *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n. 36, p. 65-87, 2015. Disponível



em: <http://www.revistalinguas.com/edicao36/edicao36.html>. Acesso em: 12.jul.2023

CURTI-CONTESSOTO, B.; GALLI, F. C. S. Dicionário colaborativo online: efeitos de sentido sobre o significante casamento. *Travessias*, v. 12, n. 3, p. 31-44, 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/20871>. Acesso em: 12.jul.2023

Dicionário Informal. 2022. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em: 12.jul.2023

Editora Melhoramentos. 2022. *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 12.jul.2023

FREITAG, R. M. K. *Não existe linguagem neutra! Gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2024.

FREUD, S. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GARBARINO, M. I. O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos preconceitos na infância. *Cadernos Pagu*, n. 63, p. e216316, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8668815>

GUÉRIOS, R. F. M. *Tabus lingüísticos*. São Paulo, SP: Nacional, 1955.

LIU, B. *Sentiment Analysis and Opinion Mining*. Morgan & Claypool Publishers, 2012.

MENEZES, K. V. Pistas da consciência sociolinguística no uso de palavras em uma obra literária. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 31, n. 2, p. 861-904, 2023. DOI: 10.17851/2237-2083.31.2.1-904

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 11 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

OLIVEIRA, S. E. O dicionário informal e a relação do falante com a língua. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 37, p. 262-272, 2014.

ORSI, V. O léxico tabu: usos e aspectos socioculturais. *EntreLetras*, v. 4, n. 2, p. 200-216, 2013.



PINHEIRO, B. F. M. *Pistas linguísticas e paralinguísticas para os sentidos diminutivos*. 2021. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/15218>. Acesso em: 12.jul.2023.

PINHEIRO, B. F. M.; MENEZES, L. C. F.; FREITAG, R. M. K. Palavras-tabu e efeitos de gênero na leitura. In: LIMA, M. E. O; FRANÇA, D. X.; FREITAG, R. M. K. (Orgs.). *Processos psicossociais de exclusão social*. São Paulo: Blucher, 2020. p. 247-262. DOI: 10.5151/9786555060393-12.

PINHEIRO, Bruno Felipe Marques; FREITAG, Raquel Meister Ko. Estereótipos na concordância de gênero em profissões: efeitos de frequência e saliência. *Linguística*, v. 16, n. 1, p. 85-107, 2020. DOI: 10.31513/linguistica.2020.v16n1a31637

SANTANA, R. R. de. Interrupção/assalto ao turno, o papel do gênero e o efeito cultural. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 18, n. 2, 2018. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/11088>.

SARAT, M.; CAMPOS, M. I. Gênero, sexualidade e infância: (Con)formando meninas. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 7, n. 12, p. 45–56, 2014. DOI: 10.20952/revtee.voio.2951.

SILGE, J.; ROBINSON, D. tidytext: Text mining and analysis using tidy data principles in R. *Journal of Open Source Software*, v. 1, n. 3, p. 37, 2016. DOI: 10.21105/joss.00037.

SILVA, A. S. Palavras, significados e conceitos: o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 4, n. 1, p. 27-53, 2010.

ULLMANN, S. *Semántica: introducción a la ciencia del significado*. Madrid: Aguilar, 1965.



Social Representations and Gender Profiles in Names of Genitalia in the InFormal Dictionary

Abstract. Sex and sexuality are socially organized by social representations supported by languages that delimit what can and should be expressed. The invisible forces of taboo shape this dynamic, censoring language and encouraging the creation of new denominations. This study investigated how people categorize gender based on social representations associated with the categories of males and females, focusing on genital names. Based on the Theory of Social Representations, the synonyms of the lexemes “penis”, “vagina” and “vulva” in the InFormal Dictionary were analyzed. The results show that, although the synonyms for penis and vagina/vulva are balanced in terms of value polarization, dictionarization shows a process of subalternization. It was observed that diminutives, often associated with female genitalia, are associated with something kind or of little importance, whereas synonyms for male genital organs are more frequent and representative in dictionary entries, with less use of diminutives, reinforcing their relevance in the hierarchy. These results highlight the importance of rethinking linguistic practices to promote greater equity in the social representation of gender.

Keywords. Social representations, gender, genital naming.

Representaciones sociales y perfiles de género en nombres de genitales en el diccionario InFormal

Resumén. El sexo y la sexualidad se organizan socialmente mediante representaciones sociales, apoyadas en un lenguaje que delimita lo que puede y debe expresarse. Las fuerzas invisibles del tabú moldean esta dinámica, censurando el lenguaje y fomentando la creación de nuevas denominaciones. Este estudio investigó cómo las personas categorizan el género basándose en las representaciones sociales asociadas a las categorías de masculino y femenino, centrándose en los nombres genitales. A partir de la Teoría de las Representaciones Sociales, se analizaron los sinónimos de los lexemas «pene», «vagina» y «vulva» en el Diccionario InFormal. Los resultados muestran que, aunque los sinónimos de pene y vagina/vulva tienen una valoración equilibrada en términos de polarización valorativa, la dictionarización muestra un proceso de subalternización. Se observó que los diminutivos,



frecuentemente asociados a los genitales femeninos, se asocian a algo amable o de poca importancia, mientras que los sinónimos del órgano genital masculino muestran mayor frecuencia y representatividad en las entradas del diccionario, con menor uso de diminutivos, lo que refuerza su relevancia en la jerarquía. Estos resultados ponen de relieve la importancia de repensar las prácticas lingüísticas para promover una mayor equidad en las representaciones sociales del género.

Palabras-clave. Representaciones sociales, género, denominación genital.

Vitória Laís SANTOS SILVA

Mestra em Psicologia com pesquisa na linha da Psicologia Social e Cognitiva pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe (PPGPSI/UFS). Graduada em Letras Português pela mesma instituição. Atua como professora de Língua Portuguesa na Educação Básica.

Raquel MEISTER KO. FREITAG

Doutora e mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Letras Português pela mesma instituição. Professora titular do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe.

Recebido em: 22/07/2023

Aprovado em: 09/12/2024